

Gabeira quer jornalismo aberto ao talento

Da Reportagem Local

O jornalista e escritor Fernando Gabeira, 45, candidato do PT ao governo do Rio, afirmou ontem, às 17h45, por telefone, que é contra o acesso exclusivo de pessoas formadas em Comunicação Social à profissão de jornalista. Gabeira disse que está procurando uma fórmula "intermediária", que preserve um "certo controle social", dado pela universidade, e, simultaneamente, uma "abertura ao talento".

O jornalista não concorda inteiramente com o projeto apresentado à Câmara pelo deputado Sebastião Nery (PMDB-RJ), que elimina a exigência de diploma universitário específico para o exercício da profissão de jornalista. Ele disse que ainda não encontrou a forma adequada para sua proposta, mas pretende apresentar uma emenda ao projeto de Nery. Segundo ele, deve ser dado um "peso maior ao diploma".

Ainda sobre o projeto, Gabeira

considerou uma "bobagem" o item que restringe o exercício da profissão somente a brasileiros, acrescentando que ele próprio trabalhou em jornalismo na Suécia, durante seu exílio. Para ele, a restrição deve ser feita "à propriedade do meio de comunicação" e não ao jornalista.

O sociólogo e virtual candidato a deputado federal pelo PT, Florestan Fernandes, 66, professor emérito da Universidade de São Paulo e docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, disse anteontem que a solução não é acabar com a exigência do diploma. "Embora o diploma não seja um fetiche, o fato de se estudar numa escola especializada confere melhores meios a uma profissão muito complexa, mais do que a do historiador, em que são necessárias múltiplas qualificações", disse. "Profissionais de outras áreas podem se dedicar às áreas especiais do jornalismo. Não vejo conflito entre uma coisa e outra", acrescentou.

Para o sociólogo, "o problema

central é a tradição estamental de dar aos diplomados privilégios que exorbitam as necessidades, não apenas no caso dos jornalistas, mas também para as outras profissões liberais, além da proliferação de muitas escolas de baixa qualidade", acrescentando que suprimir os cursos seria piorar a situação. "Deve-se enriquecer os currículos e o corpo docente das escolas", afirmou.

28 MAI 1986

Segundo Florestan Fernandes, se os maiores jornalistas fizeram ou não outros cursos no passado, difere da questão atual que envolve a qualificação de todos e não apenas a dos expoentes do jornalismo. "Não podemos esquecer —disse— o papel representado pelos jornalistas durante a ditadura militar, tivessem eles diploma ou não." O historiador e chefe do Departamento de História da Universidade de São Paulo, Carlos Guilherme Motta, 44, disse ontem que, a princípio, apóia o projeto de Nery, mas pediu tempo para refletir melhor sobre o assunto.